

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
de Lisboa

Nova Série
Nº 6
2011

ÍNDICE

| | |
|--|-------|
| Editorial | 3-6 |
| DOSSIÊ – Unificação da Itália 1861-2011 | 7-175 |
| Maria Luisa Cusati, <i>Maria Pia di Savoia Regina di Portogallo. Un cinque ottobre importante</i> | 11 |
| Manuel G. Simões, <i>Antero, Eça e a Unificação de Itália</i> | 25 |
| Francesca Di Giuseppe, <i>Idee di Nazione nell'Europa post-napoleonica. Il Risorgimento e la Questione iberica</i> | 31 |
| Mario G. Losano, <i>Alle origini della geopolitica italiana. Il generale Giacomo Durando (1807-1894)</i> | 47 |
| Ernesto Rodrigues, <i>A Sombra de Carlos Alberto</i> | 65 |
| Lúisa Cymbron, <i>À margem do Risorgimento. As primeiras óperas de Verdi e o mundo da ópera em Portugal</i> | 77 |
| Viola Fiorentino, <i>La ricezione dell'ode Il cinque maggio nel Portogallo e nel Brasile del XIX secolo</i> | 95 |
| Carlos Loures, <i>Nota sobre Garibaldi e as Camisas ideológicas</i> | 109 |
| Marco Gomes, <i>Ecos na imprensa portuguesa 1. Entre a apologia e dissensão. A República Romana de 1849 na imprensa portuguesa</i> | 115 |
| Carmine Cassino, <i>Ecos na imprensa portuguesa 2. 1860 - prós e contras nella stampa periodica portoghese</i> | 131 |
| Mauro La Mancusa, <i>Prove di liberalismo. Maria Pia e Umberto di Savoia nel Portogallo del 1862</i> | 141 |
| Paulo Archer de Carvalho, <i>Risorgimento, insorgimento, Antero (ingressos à felicitação a Umberto de Itália, 1862)</i> | 153 |

ARTIGOS

- Roberto Mulinacci, *Come il Portogallo è diventato un'isola. La letteratura portoghese in traduzione italiana* 179
Andrea Ragusa, *Antero e Leopardi, poetas da lua* 187

PINA MARTINS. O AUTOR E A SUA OBRA

- João Bigotte Chorão, *Pina Martins e a literatura italiana* 207
Artur Anselmo, *Pina Martins e a história do livro* 213
Aires A. Nascimento, *J. V. de Pina Martins em convívio com os clássicos* 221

OBRA ABERTA

- Franco Buffoni, *Roma* 235

RECENSÕES

- Raffaele Sardo, *La bestia* (Ugo Rufino) 241
Vera Margarida Coimbra de Matos, *Portugal e Itália. Relações Diplomáticas* (Manuel Ferro) 243
Editou-se... (Paola D'Agostino) 249
Aníbal Pinto de Castro *in memoriam* (Manuel Ferro) 251

IL SESTO NUMERO DELLA RIVISTA di *Estudos Italianos em Portugal* coincide quest'anno con la ricorrenza delle celebrazioni del 150° Anniversario dell'unificazione italiana. Per il nostro Istituto di Cultura, a conclusione ormai degli eventi e delle molteplici manifestazioni dedicati all'Unità d'Italia, presentare questo nuovo numero significa fare un omaggio allo sforzo di molti studiosi che hanno contribuito alla realizzazione della rivista, centrando l'attenzione sugli aspetti comparatistici delle storie d'Italia e del Portogallo in un momento tanto importante della costruzione degli Stati nazionali in Europa.

Per questo motivo, in qualità di Direttore dell'IIC di Lisbona, rivolgo un sincero ringraziamento a tutti gli studiosi che, in questa occasione, hanno offerto attraverso le loro ricerche spunti di riflessione per approfondire aspetti politici e questioni storiche, culturali, linguistiche ed antropologiche, mettendo in risalto, più che le differenze, gli intrecci problematici della storia delle due Penisole.

Per il nostro Istituto è motivo di soddisfazione constatare come la rivista *Estudos Italianos em Portugal*, nel suo appuntamento annuale, offra un importante contributo scientifico a questo momento celebrativo, che coincide anche con l'allargamento del proprio Comitato Scientifico a eminenti esponenti della Cultura portoghese, consolidando in questo

modo la sua proiezione verso mete più ambite e nuove sfide culturali.

Un sincero ringraziamento va da parte di questo Istituto di Cultura alla Prof.ssa Rita Marnoto, il cui impegno profuso nel lavoro di redazione rappresenta un ulteriore tassello della sua intensa attività scientifica nella diffusione della Cultura e della Lingua Italiana in Portogallo.

LIDIA RAMOGIDA

O SEXTO NÚMERO DA REVISTA *Estudos Italianos em Portugal* coincide este ano com as celebrações do Aniversário dos 150 anos da Unificação italiana. Para o nosso Instituto de Cultura, concluir os eventos e as múltiplas manifestações dedicadas à Unidade de Itália, com a apresentação deste novo número significa homenagear o esforço de muitos estudiosos que contribuíram para a realização da revista, focando a atenção sobre os aspectos comparativos das histórias de Itália e de Portugal, num momento tão importante da construção dos Estados Nacionais da Europa.

Por este motivo, nesta ocasião, na qualidade de Directora do IIC de Lisboa, dirijo um sincero agradecimento a todos os estudiosos que contribuíram através das suas pesquisas, para o aprofundamento de aspectos políticos e questões históricas, culturais, linguísticas e antropológicas, evidenciando, mais que as diferenças, os enredos problemáticos da história das duas Penínsulas.

Para o nosso Instituto, è motivo de satisfação constatar como a revista *Estudos Italianos em Portugal*, no seu encontro anual, oferece um importante contributo científico a este momento comemorativo, que coincide também com o alargamento do seu Comité Científico a eminentes expoentes da Cultura Portuguesa, consolidando deste modo a sua projecção para metas mais amplas e para novos desafios culturais.

Um sincero agradecimento é dado da parte deste Instituto de Cultura à Professora Rita Marnoto, cujo empenho profuso no trabalho de redacção representa uma ulterior peça da sua intensa actividade científica na difusão da Cultura e da Língua Italiana em Portugal.

LIDIA RAMOGIDA

PINA MARTINS. O AUTOR E A SUA OBRA

José V. de Pina Martins introduziu, aplicou e divulgou, em Portugal, metodologias e modalidades de abordagem crítica que abriram novos e marcantes caminhos de investigação. À preparação filológica obtida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde se formou, acrescentou-se, durante o período em que ensinou em La Sapienza de Roma, o acompanhamento dos seminários de biblioteconomia de Lamberto Donati, no Vaticano. Aprofundou também os seus estudos sobre o Humanismo e o Renascimento italianos, com Carlo Calcaterra, em Bolonha. A sua estadia em Poitiers e, depois, em Paris, dá-lhe oportunidade de continuar as suas incursões pelo universo do livro antigo, ao mesmo tempo que prossegue as suas investigações, publicando uma série de estudos pioneiros.

Daqui resultou um método de pesquisa e análise que carrou substanciais inovações para os meios académicos portugueses. Mas, para além disso, tem uma marca muito própria, que lhe é dada pela forma como Pina Martins intersecta contributos de várias proveniências, para os pôr ao serviço de estudos que colocam as letras portuguesas nas rotas da cultura europeia. A sua essência é basicamente comparatista, quer pela forma como se apoia na intersecção entre saberes e domínios disciplinares diversificados, quer pelo cruzamento entre referências filológicas, literárias e históricas. Nesse âmbito, abraça perspectivas avançadas. Boa parte dos seus estudos incide sobre o Humanismo e o Renascimento, quer se trate de filologia, de História do livro, ou de bibliofilia, pelo que a Itália não pode deixar de lhe merecer

uma particular atenção. No entanto, Pina Martins sobrepõe, a hierarquias entre culturas europeias, o seu interesse pelo dinamismo dos intercâmbios entre homens, livros, o seu significado e as ideias que transmitem.

Essa metodologia tende a constituir-se, no panorama crítico português, em tendência ou até em escola. Como tal, enquanto modelo disponível para aplicação, tem vindo a suscitar o interesse de grandes especialistas nas áreas envolvidas.

A revista Estudos Italianos em Portugal tem a honra de publicar três artigos que a essa matéria são dedicados pelos Senhores Prof.s João Bigotte Chorão, Artur Anselmo e Aires A. Nascimento. Desenvolvem intervenções feitas na sessão de homenagem que lhe foi prestada pela Academia das Ciências em Janeiro de 2010. Aos seus autores e a essa veneranda instituição, são devidos agradecimentos pela disponibilização dos textos que aqui se publicam.

R. M.

PINA MARTINS E A LITERATURA ITALIANA

JOÃO BIGOTTE CHORÃO*

A minha mais remota memória do que viria a ser o Prof. Pina Martins remonta aos tempos de Coimbra, quando ele era ainda estudante. Creio que morava na Av. D. Afonso Henriques, onde eu vivia então, perto do Penedo da Saudade. Perto também erguia-se o Convento das Carmelitas, onde se recolhia em clausura a Irmã Lúcia. Na mesma avenida, mas do lado oposto, ficava o Liceu D. João III, Liceu Normal onde faziam exame de estado os candidatos a professores do ensino secundário – Liceu dos mais exigentes e prestigiados do País.

Nessa época, chamava-me a atenção a figura elegante de um estudante em tudo singular - no porte, como que alheado do mundo circundante, muito diferente do estudante comum. Sempre com livros e jornais debaixo do braço, aumentava a minha curiosidade saber que colaborava na imprensa e até publicava livros.

*Escritor e crítico, João Bigotte Chorão tem vindo a dedicar particular atenção ao diarismo, ao memorialismo e à epistolografia. Foi Director literário da Editorial Verbo. É assíduo colaborador de várias revistas e autor de numerosos prefácios e estudos. De entre as suas obras em volume, recordem-se as mais recentes, *O essencial sobre Tomaz de Figueiredo* (2000), *Galeria de retratos* (2000), *Diário quase completo* (2001; Grande Prémio de Literatura Biográfica APE/C) e *O espírito da letra* (2004). É membro da Comissão Científica da revista *Estudos Italianos em Portugal*.

Soube mais tarde que assinava os seus artigos, os seus ensaios, os seus livros e traduções como Duarte de Montalegre, pseudónimo que então usava.

Na revista *Estudos* do Centro Académico de Democracia Cristã, de que vim a ser redactor, encontrei em fascículos de anos anteriores textos de Duarte de Montalegre. Era um tempo, esse, em que gostávamos de saber quem nos precedera e o que fazia. Alguma coisa se aprende sempre dos mais antigos e mais dotados.

No número comemorativo das bodas de prata dos *Estudos* (1948), lá se referenciam textos de Duarte de Montalegre, de alguns dos quais se fez separata, como “Juventude e Educação”, “O Amor, redenção do mundo moderno” (1943). Contemporaneamente, fazia traduções, de que citamos só *Jesus Cristo*, de Karl Adam (1947), obra que Joseph Ratzinger confessa ter tido grande influência na sua formação espiritual. No campo literário, além de colectâneas poéticas, referimos o *Ensaio sobre o parnasianismo brasileiro* (1945) e *Reflexões críticas sobre Eça de Queirós* (1947). Um pouco mais tarde (1952) é a *Mensagem cristã de Pascal*.

Autores que nessa época mais terão marcado Duarte de Montalegre foram o Pascal de *Pensées* e Berdiaef, com o seu profetismo de *Uma nova Idade Média*. Não já para Duarte de Montalegre, mas para o humanista Pina Martins as referências são, sobretudo, Giovanni Pico della Mirandola, Marsilio Ficino e Thomas More.

Nos anos 60, caiu-me nas mãos o que julgo ser o mais significativo livro de Duarte de Montalegre: *Ensaio de literatura europeia* (1963), longa viagem crítica por escritores de várias épocas e proveniência – castelhanos, franceses, romenos, húngaros, brasileiros, italianos.

Como o tema que me propuseram foi o do italianismo do antigo Presidente desta Academia, limito-me a autores que nesse livro mereceram particular atenção do Autor. Permito-me salientar dois que me são também especialmente caros:

Papini e Ungaretti, que aliás se cruzaram, seguindo cada um deles o seu próprio caminho.

O texto sobre Papini, escrito aquando da sua morte, tem a emoção própria do momento, sem comprometer a lucidez crítica sobre um autor que foi sinal de contradição. Aí, Duarte de Montalegre desfaz o equívoco que reduz a eloquência à retórica. A eloquência papiniana dá asas às *Lettere* de um Papa imaginário, Celestino VI, que no seu zelo apostólico se dirige aos mais díspares destinatários, com uma veemência que diríamos profética. Na obra de Papini, a sua preferência vai para *Vita di Michelangelo*, revelando já no então jovem estudioso um vivo interesse pelo Renascimento. Não ignorava, por isso, a ação de Papini como Presidente do Istituto per gli Studi sul Rinascimento, na cidade do Arno, e fundador da revista *Rinascita*. Chamou a colaborar especialistas, entre eles Roberto Ridolfi, a quem se devem excelentes biografias de Maquiavel e Savonarola. É também de Papini, a melhor que se escreveu sobre o polémico escritor. O qual escreveu originais ensaios sobre o Renascimento, depois reunidos no volume *L'imitazione del Padre*. Os grandes artistas renascentistas receberam já dos contemporâneos o título de *divinos*, como altos criadores de novos mundos, que dir-se-ia repetirem o *fiat* genesíaco. Depois da Idade Média cristocêntrica – que tem na *Imitação de Cristo* uma obra-prima de espiritualidade –, seguiu-se, com o Humanismo, a idade antropocêntrica, em que o homem é a medida de todas as coisas.

Na obra de Papini, destaca ainda Duarte de Montalegre a *Storia di Cristo* (livro muito pessoal e passional, que marcou porém o grande teólogo, sempre preocupado com a racionalidade, Joseph Ratzinger) e *Un uomo finito*, obra-prima do escritor florentino e certamente uma obra-prima da literatura autobiográfica.

Por tudo isso, Duarte de Montalegre não hesita em considerar Papini, pelo seu poder verbal, génio inventivo e multiplicidade de interesses, escritor digno do Prémio Nobel,

que nos princípios dos anos 50 distinguiu um autor de indiscutível mérito como Mauriac.

Maior desenvolvimento tem, nos *Ensaio de literatura europeia*, Giuseppe Ungaretti, também ele à altura do cobiçado prémio da Academia Sueca. Não já em artigo, mas num ensaio sobre “o humano e o divino” na poesia de Ungaretti (diga-se, entre parêntese, que o mesmo título deu Pina Martins, em *Estudos Italianos*, à obra de Dante). Naquele ensaio, acentua Duarte de Montalegre o que Ungaretti trouxe de novo a uma poesia que oscilava entre o legado de Carducci e de D’Annunzio. Contra essa tradição clássica, retórica e ornamental, rebelou-se Ungaretti, paradoxalmente, digamos assim, *descoberto* e valorizado por um escritor carducciano como Papini. Ungaretti despojou o verso até uma nudez essencial, em que o verbo mais sugere do que diz, “Tra un fiore colto e l’altro donato/ l’inesprimibile nulla”. A “revolução” de Ungaretti está nesse “inexprimível nada” que é tudo. Os vários títulos de Ungaretti foram reunidos no volume *Vita d’un uomo*. Um homem provado pela vida, que o não poupou à morte de um filho – “a maior dor humana”, segundo Camilo -, e atraído por experiências estéticas vanguardistas.

A integrar a famosa trilogia de protagonistas da cultura italiana do século XX, não se pode omitir o nome de Benedetto Croce. Figura olímpica de um patriarca a quem muitos prestam culto, diferenciava-se tanto de Papini como de Ungaretti, inquietos aventureiros do espírito que o filósofo tratava não sem alguma sobrançeria, ele que era escritor de ática prosa. À dimensão cultural e literária de Croce presta homenagem o autor dos *Ensaio de Literatura Europeia*: também ele era um sério candidato ao famigerado Prémio Nobel. Mas como não há bela sem senão, Duarte de Montalegre não cala alguma reserva ao filósofo napolitano. O autor do *Breviário di estetica* não aceitara a poesia como pura actividade espiritual, desligada de vínculos racionalistas ou despiada de ideias. Repudiava o espectacular dinamismo futurista e

as suas “palavras em liberdade”, e de igual modo repudiava a “escrita automática” surrealista, com as suas arbitrárias associações de palavras. No seu gosto antilógico e antimoderno, Croce decretou o que é poesia e não poesia. Nessa antinomia, a poesia de Ungaretti seria não poesia, por lhe faltar um discurso articulado.

Ao despedir-se do pseudónimo, o autor dos *Ensaio de literatura europeia* achava que a esses e outros escritos faltava lastro cultural, erudição indispensável, bibliografia exaustiva. Eram textos de carácter divulgativo, nada mais do que isso. Mas divulgar um tema ou um autor não pressupõe conhecimento aprofundado que se expõe sem aparato crítico? Das cinzas de Duarte de Montalegre, nasce o erudito humanista, o ilustre académico Prof. Pina Martins.

Quando nos seus livros já assumira o seu nome civil de José V. de Pina Martins, em 1971 publica um volume de *Estudos italianos*. Aí encontramos Dante e Boccaccio, Petrarca e os poetas do *dolce stil novo*, os grandes humanistas florentinos e, mais perto de nós, Leopardi e Francesco de Sanctis, Carducci e Croce. Estes últimos textos foram extraídos e refundidos de verbetes redigidos para a *Enciclopédia Verbo de Cultura*. Um verbete não é um ensaio – é uma síntese. E sínteses só as pode fazer quem saiba muito e tenha o dom de economia que, eliminando o acessório, se limite ao essencial.

Naturalmente o verbete sobre Leopardi justifica especial referência, não só por ser o alto poeta que é (e Duarte de Montalegre traduziu três dos seus grandes poemas, *L'Infinito*, *Il tramonto della luna*, *A se stesso*), mas também versado filólogo e mente filosófica que escreveu esse diário intelectual a que deu o título de *Zibaldone*. Para surpresa e satisfação nossa, vemos que na bibliografia desse verbete cita *Ensaio de literatura europeia*, onde Duarte de Montalegre incluiu “Três poesias existenciais de Leopardi”.

Na sua poesia depurada e escassa de imagens, Ungaretti recolheu a lição de Leopardi. A herança leopardiana inspirou

também os escritores da revista romana *La Ronda*, que depois do tumulto futurista se impôs uma disciplina clássica e um *ritorno all'ordine*.

PINA MARTINS E A HISTÓRIA DO LIVRO

ARTUR ANSELMO*

Uma visão globalizante dos problemas do livro, apta a captar não só os traços marcantes da sua individualidade exterior mas, principalmente, tudo o que nele é fermento de vida e de cultura, eis a linha orientadora daquilo que se tem convencionalmente chamado História do livro. Como projecto interdisciplinar autónomo, surgiu na Europa dos anos 50 graças ao magistério de Lucien Febvre, como realidade actuante e mobilizadora de energias provenientes de vários quadrantes geográficos, deu-lhe corpo Henri-Jean Martin, desde a publicação, em 1956, do clássico *L'apparition du livre*. Hoje, quando a História do livro deixou de ser, definitivamente, a terra incógnita de que falava Lucien Febvre no pós-guerra, centenas de obras da mais sólida investigação atestam, em diferentes países e a diferentes cadências, a vitalidade do tra-

*Professor universitário e estudioso da história do livro, área em que foi discípulo do Prof. Pina Martins. A sua tese de doutoramento, *Origens da imprensa em Portugal* (1991), obra de referência na matéria, foi apresentada na Sorbonne, que lhe concedeu o grau de Doutor em Estudos Portugueses. Antes do magistério universitário, dedicou-se à informação e ao jornalismo cultural (Director do semanário *Observador*), bem como à actividade editorial (Director literário da Editorial Verbo, coordenador da *Enciclopédia luso-brasileira de cultura* e da obra colectiva *As grandes polémicas portuguesas*). Foi presidente do Instituto Português do Livro e da Leitura, é membro da Academia Portuguesa de História e sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa (Classe de Letras), onde dirige o Instituto de Lexicologia e Lexicografia.

balho realizado. E, se alguma coisa importa lembrar neste momento, não será tanto a falta de contribuições monográficas sobre sectores habitualmente descurados (como a tipologia dos caracteres, o intercâmbio de gravuras e o itinerário do papel), que a seu tempo certamente sairão, mas a necessidade de, em caso algum, esquecermos a formação de base dos actuais e futuros historiadores do livro. Por outras palavras, em vez de se deixarem encantar pelas fantasias das chamadas hipóteses de trabalho, deverão os jovens investigadores cultivar sem descanso as *humaniores litteræ*, reaprendendo com humildade as lições dos eruditíssimos diplomatas que os precederam. Porque - não tenhamos ilusões - toda a renovação passa, forçosamente, por um exame aprofundado da tradição diplomática dos textos originais e das fontes críticas.

Entre nós, poucos investigadores como Pina Martins estavam em melhores condições para sublinhar esta evidência. De facto, toda a sua obra de historiador do livro beneficiou largamente da excelente preparação cultural (humanística, em sentido lato) que recebeu e ampliou desde os bancos da *Alma mater* conimbricense. Chegado a Roma para leccionar, logo compreendeu que o destino lhe oferecia uma oportunidade invejável para multiplicar os seus conhecimentos bibliobiconográficos: assim, frequentou na Escola Biblioteconómica do Vaticano os cursos ministrados pelo Prof. Lamberto Donati e pôde então familiarizar-se com as questões suscitadas pelo livro ilustrado do Renascimento e do Barroco. Pela mesma altura, sob a orientação do Prof. Carlo Calcaterra, aprofundava em Bolonha os estudos de literatura italiana. Se aludo a estes dois mestres italianos, é porque sei quanto Pina Martins os admirava, ao ponto de frequentemente se lhes referir nos seus estudos.

Quando, em 1955, é transferido para a universidade francesa de Poitiers, dispõe já Pina Martins de uma sólida bagagem cultural e técnica, que lhe permitirá, a breve trecho, dar a lume as primeiras produções no domínio da investi-

gação bibliográfica. Entretanto, à semelhança dos humanistas do Renascimento, para os quais o achamento de um manuscrito clássico desconhecido era um deleite para o espírito e uma festa para os sentidos, começara Pina Martins a constituir uma livraria particular de obras quatrocentistas e quinhentistas, núcleo inicial da Biblioteca de Estudos Humanísticos. Este admirável alfofre de instrumentos de trabalho, hoje propriedade do Banco Espírito Santo, foi a fonte de Castália da maior parte dos estudos de Pina Martins. Ajuntando com sacrifício pessoal verdadeiras preciosidades bibliográficas (adquiridas, na sua maior parte, em Itália, França e Portugal), não as fechava egoisticamente a sete chaves. Bem pelo contrário, a cada passo as mostrava em exposições bibliográficas franqueadas ao público, para as quais preparou excelentes catálogos.

Os primeiros trabalhos de Pina Martins no domínio da investigação bibliográfica são resultado das suas missões de serviço em Itália e França, como leitor em Roma e Poitiers: o *Elogio della Bibliofilia* (1957) e as *Note su libri cinegètica italiani e francesi dei secoli XV e XVI* (1958). Mas foi após o seu regresso temporário a Portugal, como assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, de 1961 a 1972, que surgiram os frutos sazonados dos anos de iniciação. Em 1965, quando o seu nome era já respeitado como autor de trabalhos acerca de Boccaccio, Dante, Pico della Mirandola, Frei António de Beja, Pascal e Luís António Verney, vemo-lo anunciar ao *mundo culto*, num artigo do *Diário de Notícias*, o aparecimento do *Tratado de confissom*, cimélio português impresso em Chaves, em Agosto de 1489, que o livreiro-antiquário Tarcísio Trindade tivera a fortuna de localizar numa miscelânea de livros antigos. Estupefactos, os estudiosos da paleotipografia viram ruir como um castelo de cartas a tese da prioridade alemã na introdução da imprensa cristã em Portugal. Os argumentos de Pina Martins eram de tal modo irrefutáveis que houve necessidade de se proceder a uma revisão sistemática dos conhecimentos sobre o assunto,

os quais atribuíam a Johann Gherlinc a prioridade das impressões latinas em Portugal (*Breuiarium bracharense*, Braga, 1494) e a Valentim Fernandes e Nicolau de Saxónia a primazia das edições em português (*Vita Christi*, Lisboa, 1495). Doravante, sabia-se que um modesto tipógrafo anónimo imprimira em Chaves, seis anos antes da *Vida de Cristo* de Ludolfo Cartusiano, um livro em português. E o mais espantoso era que, desde 1489 até 1965, em parte alguma se encontrava a mais leve referência ao incunábulo de Chaves, uma linha que fosse... Pudera Pina Martins ter-se limitado a dar a notícia, mas o seu avisado sentido das responsabilidades levá-lo-ia tão longe quanto possível, preparando com minúcia beneditina a edição diplomática e fac-similada do *Tratado de confissom*, a qual se publicaria em 1973, precedida de um estupendo estudo introdutório, sem dúvida uma das peças mais brilhantes que se produziram em todo o mundo acerca do livro português no século XV.

Em paralelo com este trabalho, delineou Pina Martins, em 1970, uma visão de conjunto acerca d'*O Livro português no reinado de D. Manuel I*, onde defende a ideia de que a produção bibliográfica portuguesa entre 1495 e 1521 é, sobretudo, um reflexo do que se passa na Europa do tempo. Aviso aos incautos: a importância dos livros religiosos em Portugal não é maior nem menor do que noutros países, e o domínio da temática sagrada é acompanhado, entre nós, por uma crescente abertura ao profano, em obras que cobrem temas tão variados como a Medicina, a Oratória Humanística, a Astronomia e a Astrologia, a Poesia, a Literatura de Viagens e até o doce e temperado feminismo do *Espelho de Cristina*. E se a lição dos textos merecia a Pina Martins um respeito escrupuloso, outro tanto poderia dizer-se a propósito das gravuras que ilustram os livros incunabulares e quinhentistas: num país onde escasseavam os estudos iconográficos, coube-lhe assumir, também aqui, um lugar pioneiro, como o provam o verbete “Livro português — iconografia”,

inserido em 1969 no *Dicionário de literatura*, dirigido por Jacinto do Prado Coelho, e, principalmente, o ensaio documentadíssimo e a tantos títulos inovador que intitulou *Para a história da cultura portuguesa do Renascimento. A iconografia do livro impresso em Portugal no tempo de Dürer*, cuja versão original apareceu em 1972.

Tendo partido para Paris nesse mesmo ano, a fim de assumir a direcção do Centro Cultural aí mantido pela Fundação Gulbenkian, impulsionou Pina Martins até 1983 (data do seu regresso definitivo a Portugal) numerosas iniciativas de carácter bibliográfico, na linha, aliás, da que promovera, ainda em Lisboa, por ocasião do quarto centenário da publicação d'*Os Lusíadas*. O catálogo da grande Exposição Camoniana de 1972, redigido com a sua habitual competência, deve-se-lhe por inteiro. É também camoniana - e de primeira água - a nota bibliográfica e crítica que escreveu de Paris, em 1973, para anteceder a reprodução fac-similada dos *Autos e comédias portuguesas*. Daí destaca este passo revelador das mais íntimas preocupações científicas de Pina Martins:

O estudo rigoroso dos cimélios, a um nível de técnica bibliográfica, impõe-se decerto hoje em dia, sobretudo num país, como o nosso, onde escasseiam os bibliógrafos tecnicamente bem apetrechados. Mas o alargamento das análises temáticas a uma perspectiva de literatura comparada não se impõe menos em Portugal.

Dos numerosos trabalhos que Pina Martins redigiu e deu à estampa durante a sua permanência em Paris, no âmbito da História do livro, saliente, além dos estudos acerca de Erasmo e Thomas More, a introdução à edição fac-similada do *Vincentius leuita et martyr* de André de Resende, aparecida em 1981 sob protótipo de 1545. Com exemplar autoridade, aí estuda Pina Martins, sucessivamente, os caracteres tipográficos do cimélio, a gravura da folha de rosto, a marca do impressor Luís Rodrigues e os problemas relacionados com o fabrico do papel.

Após a sua volta definitiva a Lisboa, onde retomou, agora como professor catedrático, o convívio com colegas e discípulos da Faculdade de Letras, a extraordinária capacidade de trabalho deste grande investigador não abrandou. Prova disso, só nas áreas da Bibliografia e da História do livro, são, por exemplo, um estudo notável (em 1987) acerca do *Modus curandi cum balsamo*, livro de medicina editado por German Galharde cerca de 1530, assim como vários catálogos modelares, inventariando e descrevendo obras raras dos séculos XV e XVI existentes em bibliotecas portuguesas, com destaque para os que dedicou a Marsilio Ficino e Pico della Mirandola, não esquecendo os repertórios de incunábulo e livros quinhentistas da Academia das Ciências. Lugar não menos importante, nos anos 80 e 90 do século XX, ocupam as edições da *Consolação às tribulações de Israel* (Ferrara, 1553), de Samuel Usque, e da *Menina e moça* (Ferrara, 1554), de Bernardim Ribeiro, manifestações portentosas da vitalidade intelectual de Pina Martins, antes e depois da sua jubilação.

Também a biliofilia - ramo afim destes estudos - mereceu a Pina Martins algumas das páginas mais saborosas e bem humoradas que se publicaram em Portugal acerca do coleccionismo de espécies bíblicas no contexto do mercado livreiro europeu. Refiro-me, obviamente, a essa obra fascinante editada nos últimos dias de 2007, que leva o título de *Histórias de livros para a História do livro*, fruto de cerca de 60 anos de peregrinações (ou *venationes librorum*, como gosta de dizer o autor) em livrarias de Roma, Paris e Lisboa, principalmente. Não poucas vezes - sobretudo em Paris - o acompanhei nessas incursões, pelo que posso dar testemunho do respeito e da admiração que lhe votavam os melhores livreiros, alguns dos quais, avisados com antecedência da visita de Pina Martins às suas lojas, chegavam mesmo a preparar para ele exposições de livros que sabiam interessar-lhe.

Termino lembrando que uma selecção dos melhores trabalhos de Pina Martins no domínio da História do livro se

encontra no capítulo sétimo do seu *opus magnum*, isto é, na obra *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, editada em Paris, sob os auspícios da École Pratique des Hautes Études, em 1989. “C’est peut-être là”, escreve Pina Martins no prefácio desta obra, “que l’on peut trouver notre contribution la plus personnelle”. Com efeito, tudo nesses trabalhos tem a marca da mais pura originalidade. Avesso à repetição de lugares-comuns e de banalidades, a obra do Prof. Pina Martins neste campo é a afirmação indesmentível de que a História do Livro, em Portugal, começou com ele.

J. V. DE PINA MARTINS EM CONVÍVIO COM OS CLÁSSICOS

AIRES A. NASCIMENTO*

Quem algum dia teve o privilégio de ser recebido na biblioteca pessoal de José Vitorino de Pina Martins, na Rua Marquês da Fronteira, n.º 4 C, 5.º d.to, foi possivelmente surpreendido pela revelação de um pequeno livro, de encadernação oitocentista e cor vermelha, guardado em caixa forrada a veludo da mesma cor: nada menos que a edição de Horácio saída em 1501 dos prelos de Aldo Manúcio, adquirida em Paris a um antiquário, André James, grande erudito, especialmente atento às novidades do mercado livreiro e particularmente lúcido em reconhecer e identificar raridades de origem portuguesa. Foi este exemplar dispensado por ele a J. V. de Pina Martins, a título de favor e amizade, por uma pequena fortuna – de nada menos que 80. 000 Francos franceses (em moeda antiga, cerca de 2 500 contos, ou sejam 12 500 euros)¹.

*Director de projectos científicos nas áreas de filologia e de literatura latina medieval e renascentista, alguns deles em colaboração com instituições estrangeiras, autor de numerosas monografias e estudos nessas mesmas áreas, foi Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director do Centro de Estudos Clássicos dessa mesma Universidade e Director da revista *Euphrosyne*. Pertence a várias academias nacionais e estrangeiras (nestas se contando a *Accademia Proserpina*, de Assis). Introduziu em Portugal os estudos de filologia latina medieval, de codicologia e de tratamento informático de textos. É membro da Comissão Científica da revista *Estudos Italianos em Portugal*.

¹ Horatius, *Carmina*, Venetiis, apud Aldum Romanum, mense Maio MDI (in 8.º,

J. V. Pina Martins guardava esse exemplar em grande honra e teve oportunidade de escrever as razões do apreço que lhe devotava, quando elaborou as memórias da sua biblioteca em *Histórias de livros para a História do livro*. O enlevo consagrado a este exemplar do texto de Horácio tê-lo-ia ouvido o visitante da biblioteca da própria voz do seu digno proprietário, pois com ele costumava iniciar a visita. No livro, ficou uma interpelação que define uma vida. Pergunta J. V. Pina Martins: “Já algum dia experimentaste, caro Leitor, como é diferente ler uma poesia de Horácio, ou de Virgílio, ou de Petrarca, por um livro mal encadernado e por um exemplar de edição raríssima encadernado por um grande artista?”².

A resposta não vem enunciada no livro. Compreende-se, há sensações e sentimentos intraduzíveis, para os quais as palavras são supérfluas ou correm o risco de (entre)cortar o enlevo. No modo interrogativo, porém, fica patente que há novidades que apenas cada um pode experimentar e que, relativamente a uma edição modelar, persistem afectos tanto mais profundamente acalentados quanto mais se percebe o significado cultural desse livro, depois de serem escrutinadas

168 x 102 mm., [144]fls.). Trata-se de edição aldina, que se serve do elegante tipo cursivo inventado por Aldo e desenhado por André Grifo. É a segunda obra de autores clássicos em formato de bolso (*manual*) planeada por Aldo e por ele lançada a público em 1501. Depois do seu mítico Virgílio, de Abril, Horácio é de Maio; segue-se Petrarca, em Julho; Juvenal e Pérsio, em Agosto; Marcial, em Dezembro. A edição é considerada uma das dez mais raras das aldinas. Recentemente, um antiquário apresentava para venda um exemplar ao preço de 27 374,00 USD (19 000 euros). O exemplar faz parte da Biblioteca Pina Martins, no Centro de História do Banco Espírito Santo, em Lisboa, Praça do Comércio, para onde transitou a Biblioteca reunida pelo seu proprietário, por generosa e lúcida decisão do Presidente do Conselho de Administração do BES, Dr. Ricardo Salgado, quando solicitado pelo Presidente da Academia das Ciências de Lisboa a realizar a aquisição daquela Biblioteca para evitar que ela entrasse em deriva de efeitos imprevisíveis quanto à sua conservação.

² José Vitorino de Pina Martins, *Histórias de livros para a História do livro*, ed. e introd. Aires A. Nascimento, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, p. 127.

as razões das escolhas do editor e serem conhecidos os efeitos decorrentes do seu trabalho³.

Havia afecto profundo àquela edição renascentista, que era uma das mais valiosas de quantas se perfilavam nas estantes da sua biblioteca. Esse afecto exprimia-o Pina Martins em modo de reciprocidade, pois (confidenciava) os grandes autores e as melhores edições procuram aqueles que os amam.

Nesse universo, cabiam sobretudo as edições aldinas que revisitava com frequência, entre elas o *Iamblicus*, impresso em 1497, e o *In calumniatorem Platonis*, de Bessarione, publicado por Aldo em 1503. Perseguiu também o *Plato* de 1513, em que o mesmo editor se dirigia a Leão X e, por entre o louvor das letras (que só a paz permitia assegurar), comparava a novidade da imprensa com a gesta que os Portugueses estavam a realizar nas Índias.

Sabia bem Pina Martins que as edições aldinas representavam escolhas editoriais marcantes de um tempo. Sumamente bem estruturadas, constituíram modelo tipográfico decisivo na história da difusão do livro e da leitura. Tiveram elas honras de serem transportadas para a *Utopia*, na versão de Tomás Moro, pela mão de Hitlodeu, o português que, no seu génio de aventura e na loquacidade que mal se impõe, a todos nós representa. Eram clássicos, gregos (sobretudo) e latinos (alguns), os livros que eram levados para a Nusquama (nome latino da Utopia). Com isso se queria significar que para o

Preparámos a edição a partir do dactiloscrito que recuperámos da versão informática. Posteriormente, por diligências de Dona Primula Pina Martins, foi-nos possível ter acesso a versão corrigida pelo autor, mas deixada em lugar menos habitual (as alterações são mais de forma que de conteúdo, mas esperamos integrá-las em futura edição, tanto mais que a obra mereceu oportuno Prémio de Ensaio do Pen Club Português).

³ Na edição de Juvenal, também em 1501, Aldo explica a seu amigo Cipião Carteromaco: “Preparámos e agora damos a público as *Sátiras* de Juvenal e Pérsio num formato deveras pequeno de tal maneira que possa ser mais facilmente tomado na mão e aprendido de cor (para não falar em ser lido) por quem quer que seja”. As fontes tipográficas de Aldo para os formatos *in 8.º* haviam sido desenhadas pelos calígrafos Pompónio Leto e Bartolomeu Sanvito e foram moldadas por Francesco Griffio, de Bolonha.

Novo Mundo havia que transportar o que de melhor fora registado pela escrita no Mundo Antigo, e passado a livro impresso nos Novos Tempos. A unidade do mundo podia fazer-se não apenas pelas novas vias abertas pelos mares, mas também e sobretudo pelos novos instrumentos que, multiplicados, tornavam acessíveis os textos no encontro dos povos, numa nova ecúmena de cultura partilhada. As suas formas elegantes cabiam na palma da mão e os caracteres eram facilmente legíveis para que a leitura estivesse ao alcance de todos.

Este traço de união entre dois mundos (o antigo e o novo) define a personalidade de Pina Martins devotada ao estudo dos tempos do Humanismo Renascentista, em que o aprofundamento das leituras dos Antigos serve as novas expressões (vernáculos ou latinas) que interpretam a *dignitas hominis* numa nova consciência da fragilidade humana e no compromisso de dar plenitude à complexidade das relações humanas, sentidas agora na largueza da ecúmena estendida à diversidade das gentes e na dimensão do tempo que vinha de longe e se pretendia projectado em sonho de futuro. A lição que nos deu Pina Martins em *Utopia III* é feita de sentido da medida, de serenidade contemplativa e juízo crítico, de conversação bem-humorada, de cruzamento de memórias com aspirações de uma Humanidade reconciliada consigo mesma, ufana da sua memória distendida (como a do quadro de Dalí), sem transgredir a regra básica do “conhece-te a ti mesmo” e sem abdicar da dignidade do Homem, sempre em construção.

No seu currículo de escritor, iniciado em 1941, começou Pina Martins por ser poeta e tradutor (contámos 21 trabalhos). Utilizava um pseudónimo, mas abandonou-o cedo, logo que, alargando horizontes, a experiência o levou, como Petrarca no Monte Ventoux, ao encontro de novas vivências através dos grandes livros que o traziam a novos horizontes. Revia-se sobretudo nos livros quincentistas que escolhia meticulosamente, lia detidamente e dava a ler com um carinho que lhe granjeou amigos e admiração em todas as partes. Tão

regular foi o seu percurso que até parece ter sido programado para chegar a cada um dos livros que veio a figurar na sua biblioteca e com os quais criou convívio, pela leitura partilhada, em acto em que se condensava o tempo de séculos de cultura. Com serenidade e nobreza realizava diariamente esse encontro com antigos Autores e seus grandes textos, na companhia daqueles que, ao longo dos tempos, com esses mesmos autores e textos tinham também convívio.

A esse convívio compareciam, em lugar primeiro, as figuras de Pico della Mirandola e Erasmo. A primeira era figura emblemática, particularmente pelo seu *De dignitate hominis*, e por isso tinha o seu retrato bem em evidência na sala da biblioteca para presidir à leitura⁴. A segunda simbolizava a sabedoria irénica e magnífica no juízo filológico certo que ultrapassava as derivas dos textos e na magnanimidade de um coração generoso e sincero que integrava em sentido maior o que outros tomavam como bandeira de combate. No santuário das grandes leituras figuravam Dante e Petrarca e o olhar repousava em Tomás Moro, o santo traído na própria entrega à sua Nação pelas autoridades dela, mas capaz de, por entre as vicissitudes de uma carreira de dedicação à vida pública, apontar o lugar (sem lugar) em que se conciliassem as aspirações do Mundo Novo com as do Mundo Antigo. Para a mesa de convívio eram convocadas ilustres figuras de homens de letras com quem Pina Martins havia trocado leituras e formado a consciência dos longos tempos de cultura. A cada passo de uma conversação (em cadeia de memórias inesgotáveis) surgiam os nomes de grandes leitores (como Marcel Bataillon e Eugenio Asensio, sobretudo estes), mas também grandes exegetas (como Paul Vicaire, Henri de Lubac, Eugenio Garin, Germain Marc'hadour, Jean Claude Margolin) e tantos outros que nos corredores da Universidade (como

⁴ O quadro foi objecto de acto aquisição recordada em *Histórias de livros para a História do livro*, pp. 111-116.

Rebello Gonçalves, Jacinto do Prado Coelho, L. F. Lindley Cintra) e das salas das Academias ou dos passeios pelos livrinhos-antiquários lhe serviam de interlocutores.

Cada livro da biblioteca de J. V. Pina Martins era habitado por textos vivos e declarava a sua história. Já noutra ocasião tivemos oportunidade de escrever que ele amou os livros e cedo começou a reconhecer neles uma identidade que lhe revelava os meandros da cultura ocidental. Como grande leitor que era, colocou-se ao nível de outras figuras cimeiras que, pela leitura, contribuíram para nos restituir uma memória comum, na sua largueza e plenitude. Se Jorge Luís Borges escreveu que preferia ser recordado como leitor a ser tido como escritor, Pina Martins, pela exactidão e pelo enlevo com que mantinha as suas leituras (que citava de cor e reconstituía em pormenor de página de uma edição relevante), responde, em bastantes dos seus traços, a essa personagem que Borges, em registo especular, retratou como “Funes, el Memorioso”. Sabia sempre a hora exacta, como o “cronométrico Funes”; como ele, familiarizou-se depressa com os textos clássicos e, como ele, mantinha a memória deles (no caso de Funes, a *Naturalis Historia* é uma sinédoque pela vastidão que encerra) e deles fazia motivo de partilha. Se nos vem à lembrança Ireneo Funes, sem qualquer outra intencionalidade que não seja a de sublinhar o prodígio de memória que era e o seu amor pelos clássicos, fica-nos também o contraste com ele, através da outra realidade de quem já fez entrar na eternidade os atributos antigos, continuando a olhar-nos com a serenidade aprendida nos clássicos e com a qual sempre nos olhou:

Disse-me que antes daquela tarde chuvosa em que o fez estatelar-se o lajedo, ele havia sido o que é toda a gente: cego, surdo, atolado, desmemoriado. (Procurei lembrar-lhe a sua percepção exacta do tempo, a sua memória de nomes próprios; não fez caso.) Dezanove anos havia vivido como quem sonha: olhava sem ver, ouvia sem ouvir,

esquecia-se de tudo, de quase tudo. Ao cair, perdera o conhecimento; quando o recobrou, o presente era quase insuportável, de tão rico e tão nítido, e também as memórias mais antigas e mais triviais. Pouco depois deu-se conta que estava paralisado. Isso mal o preocupou. Admitiu (percebeu) que a imobilidade era um preço mínimo. Agora a sua percepção e sua memória eram infalíveis.⁵

Também a memória de Pina Martins nos maravilhava e para ele era um dom que admitia encontrar em todos os seus interlocutores.

J. V. Pina Martins retinha particularmente as edições que dão ao leitor um instrumento cuidado, correspondente à dignidade da obra original. Uma edição banal, que não cuida a forma de apresentação, não é respeitadora nem do texto nem do seu autor e não serve o leitor com a dignidade que prepara para a leitura. Uma edição aldina, em compensação, tem a sobriedade e a elegância tipográficas de que o leitor precisa para conferir ao texto a reverência que ele merece e dar à obra o aconchego que o afecto reclama.

O exemplar da edição aldina de Horácio de 1501 (mesmo sem os retoques de iluminura de alguns exemplares) era uma das jóias que podia ser apresentada como modelar. Com toda a razão, Pina Martins gostava de o mostrar, pois merecia o seu

⁵ Reconheço que não me é fácil adequar na tradução os registos às modalidades do espanhol argentino. Tome-se o original para superação de algum desvio: “Me dijo que antes de esa tarde lluviosa en que lo volteó el azulejo, él había sido lo que son todos los cristianos: un ciego, un sordo, un abombado, un desmemoriado. (Traté de recordarle su percepción exacta del tiempo, su memoria de nombres propios; no me hizo caso.) Diecinueve años había vivido como quien sueña: miraba sin ver, oía sin oír, se olvidaba de todo, de casi todo. Al caer, perdió el conocimiento; cuando lo recobró, el presente era casi intolerable de tan rico y tan nítido, y también las memorias más antiguas y más triviales. Poco después averiguó que estaba tullido. El hecho apenas le interesó. Razonó (sintió) que la inmovilidad era un precio mínimo. Ahora su percepción y su memoria eran infalibles.” Não é desconhecido que o conto de Borges esconde uma teoria da memória em que a nitidez de pormenores se contrapõe à capacidade de abstracção; o nosso homenageado seria exemplo do contrário como também o era na capacidade de comunicação, em contraste com a figura autista de Funes.

carinho. Sendo extremamente rara e procurada⁶, essa edição é exemplificativa de um momento inovador do livro na cultura europeia e da tradição dos textos clássicos nessa mesma cultura. No formato pequeno e na elegância dos seus caracteres, permite que a leitura passe da sala de estudo para os espaços comuns, dos tempos delimitados (da escola) para os tempos abertos (não tanto do ócio, mas particularmente dos intervalos do trabalho) – garantindo-lhe o afecto que se concede ao que é familiar e se ama, pois se pode segurar na palma da mão ou guardar em bolso superior, junto do coração. Quando a essa leitura se acrescenta um valor de testemunho (que é o da sua representatividade num mundo de cultura que recupera os textos antigos e lhes confere o juízo crítico de um editor empenhado em divulgá-los no seu tempo), o exemplar não precisa de vir dos prelos venezianos de Aldo, pois ganha uma dimensão que transcende a sua materialidade.

Os textos clássicos mereceram esse desvelo e com isso Pina Martins impôs-se e destacou-se, como poucos, nos nossos meios pelo cuidado com que examinava as edições que andavam dispersas e apareciam aqui e além, em almoedas ocasionais, sem que outros lhes dessem especial atenção (mesmo quando reclamavam preços exorbitantes).

Quando foi convidado para ensinar na Faculdade de Letras de Lisboa, a começar no ano lectivo de 1961-1962 (estamos em cinquentenário), José Vitorino de Pina Martins vinha para ensinar a disciplina de “História da Cultura Moderna”⁷.

⁶ Ainda que não tanto como a de Virgílio, que a precedeu em 1501.

⁷ O convite fora-lhe formulado pelo Prof. António Gonçalves Rodrigues (sabemo-lo de fonte segura; administrativamente, assinava o Prof. Vitorino Nemésio, perfunctoriamente Director da Faculdade de Letras), que conhecia o trajecto de Pina Martins, se apercebera da importância da sua cultura bebida em meios romanos e sabia que, apesar de ele ter contrato recente com a Universidade de Poitiers, para onde se transferira, depois de experiência em La Sapienza, em Roma, o contributo, que ele podia dar ao desenvolvimento da Reforma da Faculdade de Letras em 1957 se revestia de singular importância. Facto é que o plano apresentado pelo Director da Faculdade de Letras,

No entanto, por vicissitudes possíveis em ambientes académicos, teve ele de mudar de rumo e ocupar-se da “História da Cultura Clássica”, de parceria com o P.e Manuel Antunes. Por inopinado que isso lhe fosse apresentado, foi-lhe dado demonstrar que os estudos que vinha cultivando permitiam propor uma dimensão nova, entre nós, no estudo da tradição dos grandes textos clássicos, pelo convívio que trazia das melhores edições renascentistas.

Infelizmente, embora sem obstáculos ao seu ensino na Faculdade de Letras, poucos estavam dispostos a acompanhá-lo e raros eram os que se davam conta do alcance de um ensino que partia dos testemunhos materiais e por eles procurava chegar à tradição clássica através dos melhores representantes da cultura ocidental em tempo particularmente significativo da recuperação dos seus textos, como foi o tempo do Humanismo Renascentista. Haveriam, todavia, de se render à evidência os mais cépticos quando lhes foi dado aperceberem-se do alargamento cultural que isso representava.

De facto, a sua perícia em analisar os testemunhos impressos trazia ao nosso meio uma competência específica que ninguém conhecera antes. Deu brado a análise que Pina Martins fez do exemplar do *Tratado de confissom* (Chaves, 1489) que tinha sido adquirido por um livreiro-antiquário de Lisboa que estava incerto sobre o que tinha entre mãos. Pouca ressonância obteve a arrematação por ele garantida de um pequeno caderno apontado como sendo de um misterioso Henrique Caiado que ninguém reconhecia como sendo HERMICUS, humanista português que passara por Itália, granjeara o aplauso de Erasmo (que o menciona tanto nos *Adagia* como no *Ciceronianus*) e tivera a honra de discursar na

Prof. Manuel Heleno, aos órgãos competentes (no caso, o Conselho Escolar), para o novo ano lectivo, foi contraditado por um dos professores, Delfim Santos, que avocou a si tal disciplina, por ser afim daquela que ele próprio ministrava, Filosofia Moderna.

Universidade de Pádua em 24 de Outubro de 1503⁸. Poucos estariam também em condições de entender o interesse que Pina Martins dedicava à *Historia Apostolica* de Arator com os comentários de Aires Barbosa (Arius Lusitanus), em edição de Salamanca de 1516, ou o *Vincentius* de André de Resende, de 1545, em Lisboa. Só alguns entenderam o seu interesse pelos *Moralia* de Plutarco, que, no entanto, foi obra fundamental nas leituras dos humanistas e influenciou literariamente muitos dos autores modernos, pois era básica na formação das *litterae humaniores*. Alguns mais reconheceram a importância da leitura que Pina Martins ia propondo das obras latinas de André de Resende, de Damião de Góis, de Jorge Coelho, ou de Jerónimo Osório, e do seu esforço em promover o estudo desses textos, ao lado de Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro.

Era bem conhecido o seu interesse pelos textos do Humanismo, sendo-lhe familiares as obras dos seus melhores representantes, como Dante, Petrarca, Pico della Mirandola, Angelo Poliziano, Marsilio Ficino, Erasmo, Tomás Moro. Poucos terão advertido na sua sensibilidade pelos textos clássicos trabalhados pelos autores renascentistas. Um Tito Lívio, de 1520, que inclui, pela primeira vez, o livro XXXIII e a última parte do livro XL, após o cap. 37, mereceu-lhe atenção, pois representa um momento relevante no tempo da cultura europeia e a edição é testemunho insubstituível, já que desapareceu o manuscrito de que o editor se serviu.

Quando respondemos ao seu convite para darmos em tradução portuguesa o texto da *Utopia* de Moro, tivemos ocasião de seguir de perto as suas confidências sobre o seu encontro com esses autores e com as respectivas edições, através de peregrinação persistente por livreiros a que resgatara exemplares perdidos. Não lhe tinham sido proporcionados esses interesses pela Universidade (sempre pródiga

⁸ Trata-se de Hermici Caiadi *Lusitani Oratio habita publice Patavii Nono Calendas Novembris M.D.III.*

em desperdiciar tempo em conferir diplomas, mas avara em prodigalizar motivos de interesses para chegar à tradição dos autores e distender o cânone a que se agarrou). Foi a descoberta do afecto multiplicado de uns autores por outros que o seduziu a fazer peregrinações regulares pelos poisos dos livros – fosse em Roma, em Paris ou em Lisboa. Por si mesmo, e na companhia de alguns grandes Mestres, como Eugenio Asensio e Marcel Bataillon (em longas tardes sobretudo com o primeiro), construiu ele a sua Biblioteca interior, em horas de fim de tarde prolongadas pela noite dentro, preenchidas com leituras intensas e saboreadas.

Seleccionando testemunhos da memória da cultura, ao longo da sua vida, Pina Martins habituou-se aos melhores autores e aos seus textos, leu com a profundidade de quem sintoniza com eles, os coloca no ambiente cultural que os trouxe até nós, os acolhe no vigor da sua representatividade e procura a sua integração na memória de tempos passados para a transmitir a tempos futuros. Fez do livro instância maior de relações humanas – intensas e calorosas. Fez da leitura partilhada o melhor modo de construir um universo de cultura. Fica como luzeiro a iluminar caminhos. À Academia das Ciências entregou ele, certo dia, um incunábulo do *De civitate Dei*, de Santo Agostinho, em edição veneziana de 1475⁹. Fê-lo declaradamente para completar um elenco de cem incunábulos, número que queria fosse simbólico do interesse dessa Casa pela cultura do livro e dos velhos autores, iniciado por outras figuras luminosas como Fr. Manuel do Cenáculo. Com mágoa sentiu depois que o incunábulo ficara esquecido e clamava pela sua companhia¹⁰. Honrar-nos-emos a nós se tivermos em conta o seu reparo como lição que é e assim deve ser tomada¹¹.

⁹ Cf. *Livros quatrocentistas da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Academia das Ciências, 1992, n.º 3, p. 8.

¹⁰ Cf. *Histórias de livros para a História do livro*, pp. 225-231.

¹¹ Como cólofon, para testemunho da cerimónia em que se integrou este texto, aqui

lavramos registo: “Foi este texto acabado de escrever, em Lisboa, a 18 de Janeiro de 2010, dia em que J. V. de Pina Martins completou 90 anos de vida. A pedido do Secretário Geral da Academia das Ciências de Lisboa, foi ele lido em sessão extraordinária comemorativa desse aniversário, no dia 21 de Janeiro, véspera da Festa de S. Vicente, diácono, patrono da Cidade e da Universidade de Lisboa”.